

Educação Popular e Educadores Sociais: fazendo aulas com Cartas Pedagógicas

Fernanda dos Santos Paulo¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8022-9379>

Resumo

Este artigo apresenta reflexões teórico-práticas de como *fazer aula* com Cartas Pedagógicas (CP) em cursos para educadores sociais, discutindo as contribuições da Educação Popular libertadora, das metodologias da Educação Popular e de Paulo Freire na produção de conhecimento problematizador, crítico, autoral, criativo, dialógico e decolonial. O texto trata de uma experiência na docência, tomando como base de recuperação das práticas pedagógicas a Sistematização de Experiências e trabalhos com CP como instrumento metodológico, desde a experiência de pesquisas com Carlos Rodrigues Brandão. A autora é participante direta da experiência e do processo de reflexão; portanto, o artigo baseia-se em registros de memórias pedagógicas das aulas, além de revisão bibliográfica em torno da temática explorada. O trabalho com CP está pedagógica e politicamente conectado com a práxis participativa voltada à (trans)formação permanente de ser e estar educador e educando, e, também, à autotransformação, rumo à transformação social.

Palavras-chave: Educação Popular; Educadores Sociais; Carta Pedagógica; Reflexões docente; Sistematização de Experiências.

Popular Education and Social Educators: taking Classes with Pedagogical Letters

Abstract

This article presents theoretical-practical reflections on how to teach classes with Pedagogical Letters (CP) in courses for social educators, discussing the contributions of liberating Popular Education, the methodologies of Popular Education and Paulo Freire in the production of problematizing, critical, authorial, creative, dialogic and decolonial. The text deals with an experience in teaching, taking as a basis for the recovery of pedagogical practices the Systematization of Experiences and works with PC as a methodological instrument, from the research experience with Carlos Rodrigues Brandão. The author is a direct participant in the experience and in the reflection process; therefore, the article is based on records of pedagogical memories of the classes, in addition to a bibliographic review around the theme explored. The work with CP is pedagogically and politically connected with participatory praxis aimed at the permanent (trans)formation of being an educator and educating, and also at self-transformation, towards social transformation.

Keywords: Popular Education; Social Educators; Pedagogical Letter; Teacher reflections; Systematization of Experiences.

Tramitação:

Recebido em: 07/09/2022

Aprovado em: 09/10/2022

¹Educadora Popular. Doutora em Educação com estudos e pesquisas sobre Educação Popular. Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). E-mail: fernanda.paulo@unoesc.edu.br



Introdução

O artigo emerge do trabalho realizado na Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) com cursos destinados a educadores sociais, na perspectiva da Educação Popular freiriana. No texto, discutirei um dos instrumentos pedagógicos utilizados por mim na docência, em cursos realizados desde 2009-2010, que é a Carta Pedagógica. O uso de Cartas Pedagógicas nesses cursos iniciou-se efetivamente em 2015-2016; mas as reflexões sobre as contribuições teórico-metodológicas do uso dessa ferramenta pedagógica se deram posteriormente, sobretudo com a proliferação dos diálogos entre educadores que escrevem e trabalham com Cartas Pedagógicas.

Em 2010, tivemos o lançamento do livro “Cartas educativas: uma experiencição de resistências, anúncios e fazeres”, resultado do trabalho docente de Carmen Lucia Bezerra Machado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo encontramos na Carta-convite ao leitor, a professora ministrava um seminário intitulado,

[...] Relendo Clássicos: diálogos gramscianos com Paulo Freire, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, no semestre 2007/2 – PPGEDU – UFRGS, ministrado pela professora Carmen Lucia Bezerra Machado. Mais, que um dos materiais pedagógicos utilizados foram as cartas escritas por Gramsci, Freire, Florestan e Darcy. (MARCELINO; MACHADO; SILVEIRA, 2010, p. 15).

A docente trabalhou com Cartas Pedagógicas na pós-graduação, com estudantes dos cursos de Mestrado e Doutorado, estimulando-os a lerem cartas e escreverem cartas educativas. Em consonância com as autoras: “através das cartas, este grupo recuperou a consciência teórica de como a mudança faz avançar a consciência da história”. Como podemos observar, há registros de trabalhos com escrita de cartas na educação superior há mais de 10 anos. E podem existir muitas outras experiências ainda não mapeadas, as quais, se registradas, poderiam servir de fundamentação da história do uso de Cartas Pedagógicas como ferramenta metodológica participativa em contextos escolares e não escolares.

Camini (2012) apresenta experiências de uso de Cartas Pedagógicas em movimentos sociais, por exemplo. Freitas (2021) tem utilizado Carta Pedagógica como proposta de ensino-aprendizagem, compartilhando suas experiências na educação superior. Interessante que a relação entre Cartas Pedagógicas e diários na trajetória de Ana Freitas está implicada com



minha formação de pesquisadora e educadora popular. Fiz parte do Grupo de Estudos “Roda Cultural de Leituras Freireanas”, coordenado por ela na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Esse grupo, situado na Faculdade de Educação (FACED) da PUCRS, teve sua origem no Curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular – graduação conquistada pela AEPPA², além da participação das estudantes no X Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire, realizado em maio de 2008, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

No grupo, utilizávamos o Diário da Roda Cultural - cujos encontros eram semanais. Depois, em 2018, segundo produções acadêmicas registradas no currículo *lattes* de Ana Freitas, ela inicia um processo de publicações de trabalhos sobre Cartas Pedagógicas. Porém, em Freitas (2021), ela registra suas memórias pedagógicas de trabalho com Cartas Pedagógicas desde 2001, recordando que, nesse ano, em um curso de Pedagogia de instituição comunitária, escrevera uma Carta Pedagógica destinada à “Memória de aula e convite à escrita”. Freitas (2021) registra a sua experiência de “fazer a aula com Cartas Pedagógicas no ensino superior” em um quadro de memórias, o qual colabora para apresentarmos o potencial do uso de Cartas Pedagógicas como instrumento didático-pedagógico freiriano.

Isabela Camini (2012, p. 50) esclarece que a “experiência de escrever Cartas Pedagógicas, seja entre os/as educadores/as, seja nas escolas ou em outros espaços de convivência sob a perspectiva popular, [...] segue uma orientação”. É partindo dessas reflexões que compartilho a experiência de *fazer aula* nos cursos de extensão para educadores sociais, organizados pela AEPPA em parceria com instituições públicas de educação e organizações populares.

Essas notas preliminares são para situar o uso de Cartas Pedagógicas como “proposição metodológica para fazer a aula no ensino superior.” (FREITAS, 2021, p.9). Paulo Renato Soares, estudante do Seminário “Relendo Clássicos: diálogos gramscianos com Paulo Freire, Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro”, realizado em 2007, no PPGEDU – UFRGS, nos diz:

² Contando com as seguintes parcerias: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA; Conselho Municipal de Educação de Porto Alegre – CME; Comissão de Educação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. O curso foi financiado com bolsa integral para educadores populares, mediante a Filantropia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.



O desafio que a Professora coloca a cada um de nós, elaborarmos uma carta pedagógica, é um recurso didático interessante e importante, pois nos oportuniza a escrevermos de um local onde nascem, acredito eu, as motivações que impulsionam o nosso desejo de sistematizar conceitualmente a nossa experiência, o que a formalidade acadêmica não permite, ou seja, de conversarmos em primeiro lugar conosco mesmos, livremente.

Por fim, as Cartas Pedagógicas trabalhadas por essas autoras nos fazem pensar sobre o conteúdo, a forma da produção teórica e a prática de escrever cartas na visão da Educação Popular freiriana. Na próxima seção, apresentarei o contexto de reflexão de trabalho com Cartas Pedagógicas, a AEPPA e reflexões em torno do tema. Além do mais, discutirei as Cartas Pedagógicas no contexto das metodologias da Educação Popular.

Desenvolvimento

Para apresentar reflexões em torno da Carta Pedagógica – um dos instrumentos didático-pedagógicos utilizados, por mim, na docência dos cursos para educadores sociais – situarei, brevemente, a Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA). Ela nasce de um movimento de educadores populares, em 1996, e, no ano de 2000, se organiza como associação, visando reivindicar processos de formação inicial e permanente para educadores, na perspectiva da Educação Popular. Participam da AEPPA educadores populares que atuam em contextos escolares e não escolares. Esses educadores populares têm a Educação Popular crítica como pressuposto de suas práticas educativas, reconhecendo que ser educador popular não é uma profissão. É uma militância.

As profissões dos educadores populares da/na AEPPA são várias: professor, educador social, músico, assistente social, agente comunitário de saúde, coordenador pedagógico, agente socio-educador, arte-educador, entre outras. Desde 2012, a AEPPA realiza processos político-pedagógicos de formação, enquanto ação amparada nas bases teóricas de Movimentos Populares e da Educação Popular freiriana, através do Grupo de Estudos e Pesquisa: *Paulo Freire e Educação Popular*.

Paulo Freire é um dos autores que sustentam as propostas e projetos de cursos realizados ou solicitados pela AEPPA. No caso específico dos cursos para educadores sociais na perspectiva da Educação Popular, ele existe desde 2009 (reuniões e construção do projeto com grupo de estudos) e 2010 (execução do curso):

O curso começou a ser pensado e desenhado em 2009, através da demanda advinda da AEPPA. Em 2010, formou-se a primeira turma, tendo continuidade até os dias de hoje. Inicialmente, cobrava-se um valor simbólico por conta do aluguel do espaço físico e do pagamento dos profissionais que atuavam nos cursos. De 2017 em diante, a AEPPA assumiu a coordenação geral dos cursos e estes tornaram-se gratuitos, realizando-se em instituições parceiras. (PAULO; SPEROTTO, 2018, p.5).

As autoras recuperam a trajetória do curso na cidade de Porto Alegre, e descrevem o processo do curso:

O **currículo** do curso foi construído nos pressupostos da **Pesquisa Participante**, que, segundo Brandão (1984), é uma atividade educativa de investigação e ação política. A **Educação Popular no curso** esteve presente não só como metodologia (Rodas de Conversa, Partilha de Saberes, **Cartas Pedagógicas** e Círculos de Cultura) mas como concepção teórica, a qual pressupõe discutir o conteúdo trabalhado a partir de uma base teórica e de um projeto de educação e sociedade. Em nosso caso, optamos pela **teoria crítica** e pelo **projeto societário emancipatório**, tensionando outros projetos, que, mesmo não se identificando como capitalistas, não buscam romper com tal lógica. (PAULO; SPEROTTO, 2018, p.8. Grifos meus).

O registro do trabalho com Cartas Pedagógicas na perspectiva da Educação Popular e das metodologias participativas, em Paulo e Sperotto (2018), foi se constituindo uma prática educativa de ensino-aprendizagem de *fazer aula* com escrita de cartas.

Apoiada em minha pesquisa de doutorado (PAULO, 2018), e diante do trabalho com Cartas Pedagógicas, percebi a possibilidade de diálogos com educadores populares com essa ferramenta metodológica. Inicialmente, utilizei as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas (PAULO, 2018). Depois, por intermédio dos cursos para educadores sociais na perspectiva da Educação Popular, apresentava aulas a partir da escrita de Cartas Pedagógicas. Igualmente, a educadora popular e, também, docente desse curso, Paulina dos Santos Gonçalves, ao adentrar no projeto político-pedagógico de formação da AEPPA, fazia suas aulas com Cartas Pedagógicas. Iniciamos um trabalho com Cartas Pedagógicas na acepção de Paulo Freire. E, vale dizer que concordamos com Freitas (2021, p.9), quando afirma que: “Fazer a aula com Cartas Pedagógicas é uma proposição metodológica que resulta do conhecimento e reinvenção do legado de Paulo Freire.”. A mesma autora recupera a expressão *fazer aula*, enunciando:



A expressão é de autoria da professora Terezinha Rios, ao argumentar sobre uma docência da melhor qualidade (2008), expressando sua compreensão sobre a função de ensinar, em consonância com o legado de Paulo Freire. Para a autora, “a aula não é algo que se dá, mas que se *faz*, no trabalho conjunto de professores e alunos [...]. O fazer a aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do relacionamento com a realidade” (RIOS, 2008, p. 27). Essa compreensão também se sustenta na perspectiva de Maurice Tardif (2002), levando em conta os fundamentos interativos da docência. (FREITAS, 2021, p.10).

Segundo Paulo e Piletti (2022, p.127), Paulo Freire é um autor que contribui com o tema da formação na “perspectiva interdisciplinar e humanizadora, assim como as metodologias participativas, como o uso de Cartas Pedagógicas em sala de aula e como instrumento metodológico.”. Em Freire (1978), encontramos experiências educativas relatadas em cartas, o que corrobora a afirmação de que a prática de registrar aprendizagens e *fazer aula* com Cartas Pedagógicas, como processo de aprender e ensinar, além de ser um trabalho pedagógico de reflexão-ação-reflexão, é um modo de escrita reflexiva, autoral e dialógica.

Freitas (2021, p. 10) afirma que “o trabalho de ensinar por meio das Cartas Pedagógicas vem contribuindo para deflagrar significativos processos de formação acadêmica em que o medo de escrever, aos poucos, vai sendo substituído pela alegria de exercer a escrita como produção autoral”. Percebi que eu, enquanto educadora do curso para educadores sociais, na perspectiva da Educação Popular freiriana, fui aprendendo, com a prática da escrita de Cartas Pedagógicas, a *fazer aula* com elas, e, com isso, incentivando o desejo das cursistas de escreverem Cartas Pedagógicas reflexivas. De acordo com Paulo (2022a, p. 133):

[...] referenciada pela **Educação Popular freiriana**, é possível utilizar Cartas Pedagógicas como **instrumento metodológico de pesquisas participativas** (pesquisar com e a partir de cartas) e como **instrumento de avaliação participativa**, além de Cartas Pedagógicas como **prática de ensino e aprendizagem**. (grifos originais).

A escrita de Cartas Pedagógicas, como instrumento metodológico e didático, é uma maneira de partilha do saber, cuja dimensão política e pedagógica da Educação Popular possibilita a construção de uma aula dialógica, a qual apresenta o conteúdo, problematiza-o, socializando-se experiências relacionadas ao tema estudado, trazendo reflexões teóricas e



peçoais. Igualmente, convida o aluno a interagir a partir de suas experiências com o tema e com a leitura da Carta Pedagógica. Em nossos cursos, tínhamos dois modos de registros: 1) no Diário de Campo; 2) na Carta Pedagógica Resposta ou na Carta Pedagógica reflexiva. Em todos os casos, nas Cartas Pedagógicas escritas por mim, havia questões problematizadoras e o convite à continuidade do diálogo, com uma carta-resposta individual ou coletiva.

Em conformidade com Vieira (2018, p.75), a carta pedagógica “exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito”. Concordando com Ivo Dickmann (2022, p.6), a Carta Pedagógica “[...] estimula o diálogo (logos) e solicita, ao que recebe, a resposta (práxis), é preciso ler e pensar (logos), me faz refletir e agir (práxis)”. Assim, o legado freiriano com a Educação Popular reinaugura um jeito de escrever Cartas Pedagógicas, a “praxiologia” (DICKMANN, 2022), enquanto uma nova modalidade de escrita científica, com densidade, criatividade e autoria.

Eu e as Cartas Pedagógicas: Metodologia de Educação Popular e Recuperação de Experiências

Na Educação Popular e em Pesquisas Participativas, a construção do conhecimento e de recuperação de experiências compõem parte da reconstituição de práticas educativas que fazem parte da nossa história e, conseqüentemente da nossa trajetória de vida individual e coletiva. Nós dispomos de um conjunto de estratégias e práticas para recuperar, atualizar e sistematizar nossas experiências históricas, normalmente, associando um diálogo entre a experiência passada e recordações reflexivas do presente.

A partir de uma dialética entre memória pedagógica e sistematização, escrevo diante do processo de reconstrução sobre uma experiência educativa e significativa de ser e estar professora. A Sistematização de Experiências aqui utilizada é na reconstituição de uma prática educativa descritiva e reflexiva, isto é, não utilizando-a, nesse momento, enquanto proposta investigativa na modalidade de pesquisa participativa³, mas como estratégia metodológica. Reforço que, embora eu tenha utilizado a Sistematização de Experiências como uma modalidade de pesquisa participativa, vou utilizá-la, neste caso, como estratégia de recuperação de memórias pedagógicas de *fazer aula* com Cartas Pedagógicas. Para Torres e Barragán (2017, p.17):

³ O processo metodológico é mais amplo e requer um projeto e plano de sistematização. No quarto capítulo do livro de Barragán e Torres (2017), é possível localizar essa discussão.

Un segundo campo en el que emerge la sistematización como estrategia de producción de conocimiento sobre la práctica há sido la Educación Popular, corriente pedagógica y movimiento educativo surgido en América Latina en la década de 1970 a partir de la apropiación y radicalización de los planteamientos pedagógicos de Paulo Freire.

Oscar Jara também nos diz que as primeiras experiências com sistematização foram assumidas “como estratégia de formação e democratização das relações de poder no Movimento” (2012, p.6). No entanto, para este artigo, farei uso da sistematização como estratégia de partilha de experiências. Com isso, faço uso dos cinco “tempos” sugeridos por Oscar Jara (2012) para a sistematização, a saber:

Quadro 1 - Sistematização de Experiências

Os cinco “tempos” da Sistematização (JARA, 2012)	Eu e as Cartas Pedagógicas: recuperação de experiências educativas
O ponto de partida: a experiência	Eu tenho participado da experiência desde a criação do curso para educadores sociais, e possuo registros escritos, fotos e documentos.
Formular um plano de sistematização	Temos, via Grupo “Paulo Freire e Educação Popular” da AEPPA, um plano de ações; nele, eu venho sistematizando nossas atividades de Educação Popular, visando partilhar nossas experiências, dando visibilidade para nosso movimento. Neste artigo, escolhi uma prática educativa, dentro de uma das experiências vividas na AEPPA, <i>fazer aula</i> com Cartas Pedagógicas no curso para educadores sociais. Os aspectos centrais que me interessam são as Cartas Pedagógicas como instrumento político-pedagógico e didático na docência. Para isso, tenho algumas fontes de informação: meus registros como participante da experiência e anotações de reuniões do curso, além de pesquisa bibliográfica. Considero, aqui, minha trajetória, individual e coletiva, de professora e educadora popular.
A recuperação do processo vivido	Para a reconstrução da experiência, realizei um quadro com anotações individuais, de registros de reuniões docentes e de pesquisas bibliográficas. Depois, fiz um texto, organizando as informações, e iniciei o processo de identificação de categorias, acrescentando um desenho metodológico.
As reflexões de fundo	Início da identificação de categorias acompanhadas de interpretação crítica no processo de recuperação da experiência vivida. Nesses processos de análise, realizei algumas sínteses de conhecimentos.
Os pontos de chegada	Formulação deste artigo e de uma Carta Pedagógica para socializar na AEPPA, assim como propor que Cartas Pedagógicas sejam utilizadas como uma das ferramentas didáticas e metodológicas em todos os cursos construídos e propostos pela AEPPA.

Fonte: da autora.

Para sustentar a recuperação de minhas experiências educativas, através do uso de Cartas Pedagógicas como didática freiriana, referencio os irmãos e educadores Dickmann:

A didática freiriana é a pedagogia da pergunta. A pergunta é o diálogo feito práxis, é curiosidade que se externaliza na palavra, é problematização que vivifica o ato gnosiológico, nasce da capacidade coletiva de desvelar o mundo e de pronunciá-lo, para transformá-lo. (2018. p.4).

Libâneo (2006, p.23) esclarece que a “tarefa de ensinar é uma modalidade de trabalho pedagógico e dele se ocupa a Didática.” E a “Didática é o principal ramo de estudos da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino.” (LIBÂNEO, 2006, p.25). Concordamos com ele, quando afirma que o “trabalho pedagógico-didático [...] se expressa no planejamento do ensino, na formulação dos objetivos, na seleção dos conteúdos, no aprimoramento de métodos de ensino, na organização escolar, na avaliação” (LIBÂNEO, 2006, p.38), e ressaltamos que a didática freiriana é a nossa opção. A didática freiriana é uma dimensão do trabalho pedagógico do educador que escolhe a perspectiva da Educação Popular na sua prática educativa. E, sendo assim, a pedagogia do diálogo feito na e pela práxis pressupõe perguntas, curiosidade, problematização, ousadia e registro. O registro de uma experiência pressupõe refletir, estudar, pesquisar, analisar e pronunciar a nossa palavra. No meu caso, tenho usado as Cartas Pedagógicas como parte da pedagogia freiriana, cujo desenho metodológico representa a recuperação de minhas experiências educativas de *fazer aula* com Cartas Pedagógicas.

Figura 1- desenho didático-metodológico



Fonte: Da autora.

O desenho didático-metodológico apresenta o trabalho com práticas de ensino com Cartas Pedagógicas, podendo servir de subsídio para educadores que queiram *fazer aula* com Cartas Pedagógicas. Encontramos nos livros: *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 1987, 1994, 2000) princípios da Educação Popular que contribuem para a compreensão das Cartas Pedagógicas baseada em experiências de práticas educativas e metodológicas de Educação Popular.

Paulo e Gaio (2021) apresentam a relação entre Carlos Rodrigues Brandão e Cartas Pedagógicas, identificando que Educação Popular e metodologias participativas eram temas presentes no acervo de Cartas do educador – escritas entre 1960 e 1980. Brandão usou as correspondências como instrumento de diálogo com educadores (PAULO; DICKMANN, 2021), incluindo cartas escritas para planejar cursos e organização de livros e atividades educativas. Uma expressão encontrada nas cartas de Brandão foi trabalho e metodologia da Educação Popular, cujo levantamento com base na participação popular dava-se via observação participante e pesquisa participante⁴ (GAIO; PAULO, 2021).

Em um dos seus livros, denominado como *A questão política da educação popular*, ele nos diz: “o horizonte da educação popular não é o homem [mulher] educado, é o homem [mulher] convertido em classe. É o homem [mulher] libertado [a]”. (BRANDÃO, 1980, p. 129). Vejamos que o educador sinaliza duas questões: Educação Popular tem o corte de classe e busca a libertação. Assim, a pedagogia da Educação Popular freiriana nos convida para lutarmos pela humanização das pessoas e do mundo. É exatamente aí que reside a metodologia da Educação Popular que tem como pressuposto a participação popular.

Estamos falando da Educação Popular freiriana (libertadora) e de metodologias em Educação Popular utilizadas em contextos educativos escolares e não escolares. No meu caso, a experiência que estou sistematizando é de cursos para educadores sociais na perspectiva da Educação Popular. E, nesse curso, utilizo Cartas Pedagógicas para planejar e construir minhas aulas, que têm como referência a Educação Popular de Paulo Freire e de Brandão (PAULO, 2018). Essa minha experiência contempla estudos sobre a pedagogia da correspondência (COELHO, 2011), as pedagogias das Cartas de Freire (1978,1993, 1994, 2000), pedagogia das cartas de Brandão (PAULO, GAIO, 2021) e de tantos outros educadores que escreviam

⁴ Indico o livro “Pesquisa Participante: o saber da partilha”, organizado por Carlos Rodrigues Brandão e Danilo Romeu Streck.



cartas. Com base nesses estudos, me convenci de que o trabalho com Cartas Pedagógicas contempla uma proposta de metodologia de Educação Popular.

Freitas (2021) tem apresentado importantes contribuições para o tema do uso de Cartas Pedagógicas como prática de ensino-aprendizagem. Há muitas práticas de ensino e pesquisas com Cartas Pedagógicas, exercidas por educadores, que ainda não foram sistematizadas. E, certamente, existem muitas outras experiências de *fazer aula* com Cartas Pedagógicas que ainda não conhecemos. Embora recente em produções acadêmicas, essa temática, na prática, já existe há algum tempo. Algumas vezes, não se usava o termo “pedagógico” nas cartas (Carta Pedagógica), como no caso do trabalho realizado pela professora Carmen Machado, da UFRGS, com as cartas educativas.

Observo que coordenei a pesquisa “Memória e História da Educação Popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Pedagogia Latino-americana” (CNPq), e, nela, localizamos o tema da Educação Não Escolar (PAULO; DICKMANN, 2020); constatamos que a “ **História da Educação Popular** encontrada nas **Cartas Pedagógicas** demonstra a importância da **Educação Popular freiriana** e seus desdobramentos (**Educação Popular decolonial e multicultural**) enquanto instrumento de lutas, de práxis pedagógica e de renovação da esperança. (PAULO; GAIO, 2021, p. 139. Grifo original).

Em todas as partes do Brasil e em outros países da América Latina (TORRES, 2021; PAULO, 2021), pessoas comprometidas com trabalhos de Educação Popular se indagavam, refletiam e propunham processos metodológicos participativos e dialógicos, mediante a escrita de Cartas Pedagógicas. Então, a questão da metodologia da Educação Popular pertence às práticas de Educação Popular, cujas cartas, no caso de Brandão, eram utilizadas como ferramenta educativa e política. As iniciativas desses educadores, que trabalham com a Educação Popular, comprovam que o trabalho com metodologias críticas partia da leitura do mundo local em diálogo com a conjuntura nacional e internacional, assim como buscava realizar projetos educativos, construindo-os coletivamente.

Voltamos ao desenho metodológico que construí mediante minhas experiências de práticas educativas e metodologias de Educação Popular a partir de Cartas Pedagógicas. Tanto nas minhas práticas de *fazer aula* com Cartas Pedagógicas (planejamento da aula, conteúdo da aula, orientação de atividades, pareceres, avaliações e sínteses) quanto no uso de cartas por

Brandão, constatei que, mesmo que as correspondências não fossem denominadas como pedagógicas, as identificamos como Cartas Pedagógicas, por suas características e concepções (PAULO; GAIO, 2021). A segunda constatação é de que muitas Cartas Pedagógicas de Brandão eram aulas – havia correspondências que discutiam textos, experiências e conceitos. E, por último, verifiquei que, nas Cartas Pedagógicas, encontramos um trabalho de Educação Popular em rede conectiva entre sujeitos, ideias e instituições.

Importa, aqui, dizer que as Cartas Pedagógicas partem das realidades dos sujeitos da prática educativa e não da realidade distante deles; e, dessa realidade, se teoriza. Quem conhece a metodologia de Educação Popular sabe que a dimensão da participação e da politicidade busca vinculação com ações de intervenção social através de modalidades de pesquisas participativas. Outrossim, já notou que as notas acima visaram ratificar a concepção de que a Carta Pedagógica é um instrumento de luta política e pedagógica, podendo servir de fundamento para a continuidade da concepção de Educação Popular como conscientização e humanização. Isto é, a partir de minha experiência com Cartas Pedagógicas construí alguns princípios metodológicos, a saber:

Dimensão ético-política: Denúncias e anúncios como resistência a metodologias e práticas elitistas na educação, em diferentes contextos. Compromisso político e humanizador na escrita de Cartas Pedagógicas. Diálogo crítico, pois, no contexto da partilha de Cartas Pedagógicas, escrevo, recebo resposta, reflito e escrevo nova carta – movimento dialético que caracteriza o diálogo crítico provocador.

Dimensão antropológica: Relação como sujeitos das atividades educativas (educador-educando) na construção de conhecimentos mediante a produção de Cartas Pedagógicas. Carta Pedagógica como instrumento didático-formativo que visa o *ser mais* para humanização, pois o empoderamento de escritores e leitores de cartas pode contribuir para a construção de conhecimento crítico e ciência popular (FALS BORDA, 1985).

Dimensão social: Reconhecer conhecimentos plurais, sentimentos, diversidade, particularidades e pensamentos. Dar visibilidade às experiências individuais e coletivas. Aprender a trabalhar e refletir coletivamente.

Dimensão da Autoformação e da formação dialógica: escrever carta pedagógica é um processo de autoinvestigação, de estudo e de pesquisa na recuperação e sistematização de experiências.



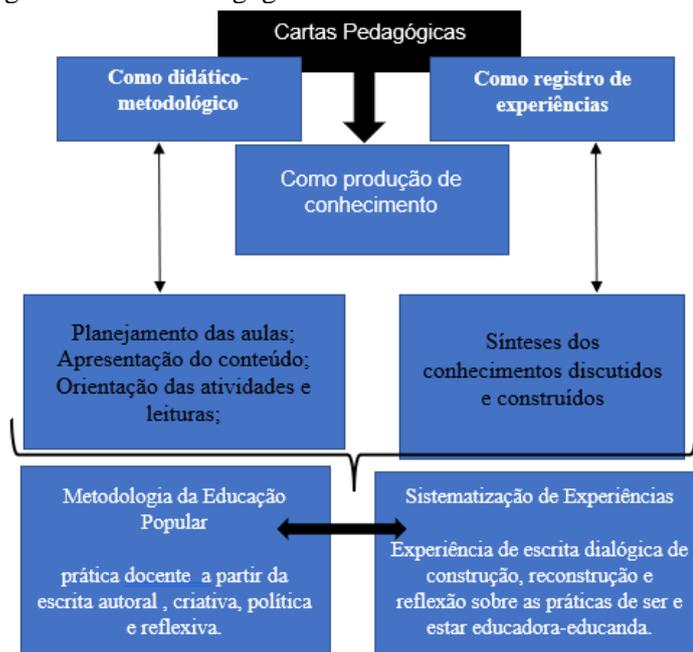
Dimensão estética: Cartas Pedagógicas na acepção da Educação Popular exige trabalho crítico, criativo, colaborativo e político. A beleza das Cartas Pedagógicas está na possibilidade da sua permanente reinvenção.

Dimensão da Práxis: Sistematização de Experiências como produção do conhecimento - escrever para transformar.

Cartas Pedagógicas e o registro de minhas reflexões

Recordo que utilizei as Cartas Pedagógicas para planejar as aulas, para apresentar o conteúdo da aula, para orientar atividades e leituras, para um convite a avaliações participativas, e como sínteses de conhecimentos discutidos e construídos. No último caso, o uso de Cartas Pedagógicas viabiliza a sistematização dos conteúdos, problematizações e reflexões, contendo “apontamentos das memórias registradas” (PAULO, PILETTI, 2022, p.118) pelos participantes da aula. Compreendo que a escrita de Cartas Pedagógicas incentiva o/a registro/sistematização de experiências educativas na construção de conhecimentos reflexivos, críticos e emancipatórios. O desenho abaixo sistematiza a minha experiência docente com Cartas Pedagógicas:

Figura 2 - Carta Pedagógica na docência.



Fonte: da autora.

Identifiquei, na minha experiência nos cursos para educadores sociais, que existem níveis de construção de uma Carta Pedagógica. E, assim, quanto mais praticamos, melhor conseguimos fazer dela uma ferramenta pedagógica em cursos de formação de educadores. Reparei, na análise das Cartas Pedagógicas escritas pelos cursistas, que tínhamos Cartas Pedagógicas apenas da valorização das experiências e ausência da teoria. Encontramos Cartas Pedagógicas semelhantes a um artigo teórico, e textos que apresentam as características (DICKMANN, 2020; PAULO, 2022b) e princípios de uma Carta Pedagógica, como pode ser verificado no quadro abaixo:

Quadro 2 - Níveis de escrita e tipos de Carta Pedagógica

Níveis de escrita	Tipologia de Carta Pedagógica (CP)
Fase da prática	Carta Pedagógica descritiva e narrativa com ausência de reflexão teórica. Muitas vezes, registra-se experiências e não há relações com o conteúdo da aula a partir do referencial teórico. Normalmente, o autor da CP está participando das primeiras experiências de escrita e tem pouca prática de produção textual.
Fase da teoria	Apresenta um texto somente teórico, com ausência de reflexão autoral e de partilha de experiências. É um texto dialógico, mas privilegia a escrita estritamente teórica. Este autor da CP tem experiência com práticas de escrita.
Fase da práxis (compreensão dos princípios e dimensões de uma CP) Com ligações entre as teorias estudadas, as experiências, e reflexões	Busca a análise de alguma experiência com base no conteúdo estudado. Procura estabelecer conexões entre a teoria, as experiências, novos autores, e traz reflexões. É uma CP provocativa, política, dialógica, argumentativa e analítica.

Fonte: da autora

Na minha experiência, todos que participaram do processo de ensino-aprendizagem foram estudantes escritores e leitores de Cartas Pedagógicas, tornando-se, nesse processo de escrita de cartas, pesquisadores de suas relações com o conteúdo trabalhado. O quadro 2 mostra que a escrita de Cartas Pedagógicas é processual, que não existem modelos e receitas prontas; aprende-se a escrever praticando a escrita. Não existe certo ou errado na escolha de trabalhar com Cartas Pedagógicas. O que construímos foram características, princípios, dimensões e concepções (PAULO, 2022b). Em concordância com Freitas (2021, p. 15), percebi a “(trans)formação permanente, assumindo como matriz teórico-conceitual de referência a práxis freireana” de todos nós: educadores-educadoras. Ou seja, a “(trans)formação permanente via produção autoral, fundamentada em epistemologias críticas

e decoloniais” (PAULO, 2022b, p.10) é “Una nueva forma de acción política desde la afirmación de una epistemología propia del movimiento que potenciara los saberes, conocimientos [...]” (TORRES, 2016, p.72).

Observei que, no meu caso, o uso de Cartas Pedagógicas como prática de rememorar experiências educativas, de sistematizar conhecimentos e de construir aulas, enquanto ferramenta didático-metodológica, transformou nossas aulas em um espaço de estudo, pesquisa e partilha de conhecimentos. Esse compromisso ético-político com a transformação das práticas educativas de ser e estar educador e educando, na acepção da pedagogia crítica, faz parte da concepção de Educação Popular emancipadora.

As Cartas Pedagógicas propiciam a escrita reflexiva e a partilha dessa experiência, tornando essa atividade como práxis participativa. A mesma percepção eu tive quando ministrei um outro curso, promovido pelo Instituto Vivere, sobre “Cartas Pedagógicas como Prática de Ensino e Pesquisa: Estudo em Paulo Freire e outros Mestres”, juntamente com a Isabela Camini, o qual foi coordenado pelo Professor Rudimar Barea.

Considero que *fazer aulas* com Cartas Pedagógicas torna visível o professor-pesquisador, a docência mediada pela práxis, e oportuniza vivenciar as relações entre a teoria, as nossas experiências e os nossos posicionamentos. Igualmente, ajuda na compreensão do vínculo entre Cartas Pedagógicas, Educação Popular e Metodologias participativas (SILVA; PAULO; TESSARO, 2020)

Aprendi que a escrita de Cartas Pedagógicas comunica e compartilha nossas aprendizagens, nossos limites, nossas descobertas e os nossos conhecimentos. Desse jeito, ela contribui para a escrita pessoal, autoral, com reflexão teórica, e colabora no processo de pensamento autônomo, crítico-emancipatório.

Trabalhar com Cartas Pedagógicas é oferecer caminhos possíveis de construção de conhecimentos sobre o que estudamos, a partir de nossas experiências e estudos teóricos reflexivos. Inspirada em Paulo Freire, compreendo a Carta Pedagógica como registro de experiências educativas em processo (FREIRE, 1978). Desse modo, trabalhar com Cartas Pedagógicas está em consonância com a pedagogia de Paulo Freire (1985, 1987, 1993, 1994 a, 1994 b, 1996, 2000, 2002).

Fazer aula com Cartas Pedagógicas é assumir a perspectiva da Educação Popular decolonial (WALSH, 2013; PAULO; GAIO, 2021). O trabalho com Cartas Pedagógicas está

pedagógica e politicamente conectado com a práxis participativa voltada à (trans)formação permanente de ser e estar educador e educando e à autotransformação, rumo à transformação social de nós, das nossas práticas, da educação, e de âmbitos mais amplos (bairro, cidade, estado e mundo).

Considerações Finais

Nesta partilha de experiência, o objeto de estudo foi o curso da AEPPA para educadores sociais na perspectiva da Educação Popular. Eu fui participante da experiência relatada e analisada, e, de modo igual, autora deste texto. Devo recordar que a Sistematização de Experiências implica organizar os registros que temos da prática educativa a ser partilhada e analisada; nesse cenário, os registros escritos, fotos e documentos me ajudaram a sistematizar um aspecto dessa experiência (a docência e o uso de Cartas Pedagógicas), isto é, as Cartas Pedagógicas como instrumento político-pedagógico e didático na docência.

A recuperação do processo vivido exige organização, estudo, reflexão e sínteses. Nesses processos, emergiram os desenhos metodológicos (figuras 1 e 2), princípios metodológicos das Cartas Pedagógicas e suas dimensões, acompanhadas de algumas categorias de análises, trabalhadas ao longo do artigo. O processo utilizado na recuperação dessa experiência encontra-se no quadro 1. Apontei que as Cartas Pedagógicas, enquanto instrumento político-pedagógico e didático, fazem parte das metodologias da Educação Popular.

No contexto de *fazer aula* com Cartas Pedagógicas, utilizo-as nos pressupostos da didática freiriana, pois a construção do conhecimento e escrita crítica-autoral são mediadas pelas pedagogias da autonomia, da pergunta, da indignação, do registro, da memória e do diálogo. À vista disso, os princípios metodológicos das Cartas Pedagógicas e suas dimensões (da Autoformação e da formação dialógica, ético-política, antropológica, social, estética e da Práxis) nos convidam a colocar em prática a pedagogia freiriana, fundada na ousadia, na rebeldia, na criatividade, na ética, na política e na autonomia do educando e do educador (FREIRE, 1996). Por fim, reconheço transformações e os conhecimentos gerados em mim a partir da prática de ensinar (fazer aula) com Cartas Pedagógicas. Dessa forma, convido outros educadores-educandos que tenham experiências com Cartas Pedagógicas a compartilharem



suas experiências e saberes construídos, alicerçados nesse instrumento político-pedagógico e didático, baseado em metodologias da Educação Popular.

Referências

BARRAGÁN, Disney. & TORRES, Alfonso. **La sistematización como interpretación investigativa crítica**. Bogotá: El Búho, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros**. Brasília: Liber Livro, 2011.

DICKMANN, Ivo. Carta de apresentação: o logos popular e a práxis acadêmica. In.: DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania. (Org.). **Praxiologia das cartas pedagógicas**. Chapecó: Livrologia, 2022. (Coleção Paulo Freire; 07).

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivania. **Didática Freiriana: educação para a práxis**. Chapecó, SC: Dialogar, 2018.

DICKMANN, Ivania. As dez características de uma carta pedagógica. In: PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (Org.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

FALS BORDA, Orlando. **Conocimiento y poder popular**. Bogotá, Siglo XXI –Punta de lanza, 1985.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994b.





RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v. 11, e035283, 2021.

JARA, Oscar. **A sistematização de experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis [tradução de Luciana Gafrée e Sílvia Pinevro e colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach] – 1. ed. – Brasília, DF: CONTAG, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2006.

MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; MARCELINO, Ana Lúcia; SILVEIRA, Marner Lopes da (org.). **Cartas educativas**: uma experienci-ação de resistências, anúncios e fazeres. Porto Alegre: Itapuy, 2010.

PAULO, Fernanda dos Santos; SPEROTTO, Neila. Trajetória do curso de formação de educadores sociais em Porto Alegre: Educação Popular e Pedagogia Freiriana. **GESTÃO UNIVERSITÁRIA**, v. 10, p. 1-14, 2018.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo (organizadores). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN Ivo, (Orgs). **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão**: contribuições para a Educação Popular (Organizadores) – Chapecó: Livrologia, 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos; PILETTI, Terezinha Conte. Formação Continuada de professores do Ensino Médio: Sistematização de Experiências e Cartas Pedagógicas, **HUMANIDADES & TECNOLOGIA (FINOM)** - ISSN: 1809-1628. vol. 35 - Nº 2 - ago./out. 2022, p.116-131.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Educação de jovens e adultos e a educação popular**: contribuições para formação docente. – Chapecó: Livrologia, 2022a.



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.



RELEM – Revista Eletrônica Mutações

©by Ufam/Fic/Icsez

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023019, 2022.

PAULO, Fernanda dos Santos; GAIO, Adriana. **Educação popular nas cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão**: contribuições para a pedagogia latino-americana – Chapecó: Livrologia, 2021.

WALSH, Catharine. **Pedagogías Decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2013.

SILVA, Andrerika Vieira Lima; PAULO, Fernanda dos Santos; TESSARO, Mônica. (Org.). **Educação popular e pesquisas participativas**. 1.ed. – Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.

SOARES, Paulo Renato Cardozo. Carta pedagógica: idiosincrasias de uma travessia. In.: MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; MARCELINO, Ana Lúcia; SILVEIRA, Marner Lopes da (org.). **Cartas educativas**: uma experienci-ação de resistências, anúncios e fazeres. Porto Alegre: Itapuy, 2010.p.110- 119

TORRES, Alfonso Carrillo. **Educación popular y movimientos sociales em América Latina**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 75-76.



Artigo licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional.

Relem, Manaus (AM), v. 14, n. 23, jul./dez. 2021.